

Uma nova crise na cultura: a do violino

PÁGINA 3

C A D E R N O

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL

DOMINGO, 17 DE JUNHO DE 1990

Psicanálise, literatura em debate

PÁGINA 7

A RODOVIÁRIA DE BRASÍLIA, PRINCÍPIO E FIM DOS ELDORADOS MIGRANTES, VIRA VÍDEO COMO LAMBE-LAMBE ELETRÔNICO

"Eu tô ignorado de vir pruma capital dessas e ver uma coisa dessas, que parece um, não agravando o pessoal, mas parece um rebanho de animal."

(trabalhador voltando para casa, segunda-feira, fim de tarde).

"Aqui é o trombadinha mais doido da rodoviária. Cheiro, esgoelo, roubo e mato, tá ligado? Mas quando tem uma colinha a gente fica muito ligado. Aí, ó véio, detesto filmadora na minha cara!"

(menor abandonado acordando depois de uma noite ao relento na rodoviária).



"Eu tenho a faculdade completa. Por isso eu tô embriagado e conversando com o senhor com a maior educação. Porque a embriaguês não toma conta do meu coração. Só toma conta dos meus desgostos, meus fracassos..."

(desempreg. do bebado).

"No Brasil, o que é certo é o que é errado e o que é errado é o que é certo"

(vendedor ambulante explicando porque é obrigado a vender sem ter autorização da administração da rodoviária).

Na encruzilhada do Plano

Fotos: Ailton C. Freitas

Quem quiser auscultar o coração do Brasil, basta ir ao centro do mapa, exatamente para onde convergem as sinas e sinais do País, a Rodoviária de Brasília. Sob a aparente frieza cênica daquela imensa plataforma, conflitos e questões do País se manifestam em sua mais genérica expressão. Há ali um fragmento sociológico de cada espécie de problema: a fome, o abandono, a ignorância, a desorganização, a prostituição, o desemprego, a violência e a indiferença das grandes cidades.

Foi esse o mote escolhido por um realizador de vídeos brasileiros, o jornalista César Mendes, 23 anos, para uma abordagem do principal ponto de encontro e convergência populacional do Distrito Federal, a poucas centenas de metros da Praça dos Três Poderes.

César poderia ter seguido a intuição dos místicos que afirma existir naquele terreno uma imensa rocha de cristal a imantar todo o Plano Piloto, mas preferiu trabalhar com imagens diretas e próprias, buscando assim uma nova versão para um espaço urbano que à primeira vista parece isento de atrações.

Mas só mesmo a quem passa por ali diariamente e se detém com mais curiosidade é que os fenômenos sociais da Rodoviária se revelam facilmente: o fotógrafo lambe-lambe, o sanfoneiro nordestino, o profeta amalucado que acaba de chegar de mais uma peregrinação, as monótonas e escravizadas filas dos terminais de transportes coletivos, os bares improvisados e quase sempre de higiene suspeita, o tradicionalíssimo pastel de queijo com caldo-de-cana (muitos garantem que essa é a única tradição em Brasília), as pessoas que chegam e voltam para as cidades-satélites, o nervoso enxame humano que enfrenta as filas intermináveis a cada final de expediente.

César Mendes, diretor do vídeo *Invasores ou Excluídos* (Trophéu Guarnicê da 12ª Jornada de Cinema do Maranhão e menção especial do júri Ocic, além do Troféu Macunaíma pelo Conselho Nacional de Cineclubes), gravou as imagens da Rodoviária em abril deste ano, em mais de 18 fitas de 20 minutos cada, como projeto final de graduação no curso de jornalismo da Universidade de Brasília.

Rodoviária, esse o título do vídeo que deve chegar a 20 minutos depois de finalizado, foi todo produzido dentro da própria UnB, sem verba nenhuma. "Minha opção foi fazer um videodocumentário que refletisse sobre a realidade, desempenhando o mesmo tipo de trabalho que há poucos anos cabia aos projetos realizados em 16 mm".

O vídeo supera todas as condições técnicas até então disponíveis aos realizadores independentes. Agora, cada um busca de encontrar nessa modalidade seus meios particulares de expressão. "Com esse vídeo, estou conseguindo me dirigir para onde realmente eu quero ir: buscar a realidade de uma forma autoral. Não é simplesmente ligar a câmera, mas tentar criar uma estética adequada ao meio e ao assunto. No caso, gosto de trabalhar com o urbano, mais confuso hoje em dia, com uma forma de narrar que não dispensa a elegância", diz o realizador.

A objetividade, no caso do docu-

mentário, é sempre uma medida. Tanto a abordagem quanto o roteiro precisam de uma rigorosa precisão. "Optei, com a equipe por trabalhar com a câmera na mão e a grande angular totalmente aberta, a câmera colada nas pessoas entrevistadas, aproximando-se o máximo. É um tipo de enquadramento muito usado, por exemplo, por um fotógrafo como o americano William Klein".

Desde o momento em que se decidiu pelo projeto, César Mendes sabia que a Rodoviária era mais que um simples terminal: "Eu poderia ficar lá por muito tempo fazendo vários vídeos".

A primeira edição de *Rodoviária* já está pronta. As imagens iniciais mostram o espetáculo diário das filas intermináveis que se dispersam confusamente à chegada de cada ônibus. Empurrões, brigas, disputas. O acordo só vale até uma certa altura; depois, cada um que se vire. O importante é garantir uma cadeira vazia, já que as viagens são longas e o cansaço quase irreparável.

Em poucos mas substanciais flashes, o vídeo vai sobrepondo imagens de menores abandonados ("a maioria foram assassinados pelos policiais", diz um dos garotos), pobres sujeitos com a cara enlouquecida pela fome e a miséria, debruçando-se sobre os containers de lixo, comendo com as mãos e nosso sobejo diário declarando, numa língua que não se deixou aprisionar pela realidade, a própria soberania dos que se multiplicam pela maldição mais conhecida.

A fala dos desacreditados, em sua crueza sem nenhum tempero, amplia-se porque dita na mais nacional das passagens. Pobres diabos que se dizem Jesus de Nazaré, cuja única glória é não terem mais um nome. Eles passam com o seu pesadelo sujo apenas por uma noite, eles são cada vez mais numerosos e insistentes. Em breve, eles estarão à porta dos palácios, com seus mirabolantes planos de salvação nacional.

O vídeo torna-se incendiário por alguns segundos: imagens do fogo e do terror, jamais abafadas mesmo que inéditas, da mais ensandecida manifestação política dos últimos anos. O badernaço foi àquela tarde em que o espetáculo da insubordinação se deu fora de todos os propósitos e limites. A Rodoviária era o palco da mais incontida fúria.

Mas fugindo de qualquer conotação apelativa, o vídeo de César Mendes se conclui com as imagens de um domingo qualquer. A Rodoviária deixa de ser a ponte dos 500 mil trabalhadores/estudantes/transseuntes/passageiros que atravessam diariamente e é apenas uma calma praça pública, que dá acesso a uma típica feira de candangos. Eis o que tem assegurado ao coração do Brasil a sua sobrevivência. Do contrário, o enfarte seria literal, diário e fatal até demais.

□ **RODOVIÁRIA** — Direção e roteiro: César Mendes. Câmera: Dulcídio Silveira. Som direto: Alfredo Viana e André Luis da Cunha. Montagem: Armando Bulcão. Still: Susana Dobal. Orientador: David Pennington, da Faculdade de Comunicação da UnB. Assistente de produção: Paula Lordello. Apoio: CPCE. Lançamento em julho, na Sala Martins Penna do Teatro Nacional.



Contraponto da utopia urbana

Exatamente no centro do Plano Piloto de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, primor do urbanismo moderno e patrimônio cultural da humanidade, ergue-se aos olhos de todos uma enorme ferida. Fruto dos contrastes de uma sociedade neurótica ao ponto de ser negligente consigo própria, a rodoviária de Brasília mostra o que há e o que não há, o que é e o que não pode ser, sem espaço para eufemismo ou alorismo. É e pronto. Acontece e pronto. Existe e pronto. Embora no centro de tudo, é exatamente onde Brasília não tem plano nem piloto.

De longe, a rodoviária é um gigantesco viaduto encravado em mais uma cidade do terceiro mundo. Como os congêneres espalhados por esse país, que por si só já é um mundo, endereço residencial de muita gente. Uma espécie de meca magnética para onde afluem diariamente milhares de pessoas atraídas pela música da sobrevivência, ópera infindável que elas próprias entoam sem cerimônia.

De perto e filtrada na tela, a rodoviária que o vídeo resgata é o sumo resultante da mistura de concreto, máquinas e seres humanos. Um enorme organismo que por vezes parece ter vida própria. O coração da cidade pulsando e bombeando diariamente pessoas, mão-de-obra, energia, oxigênio que move o trabalho e a concentração de riquezas.

A rodoviária que vimos durante a realização do vídeo saltou-nos aos olhos como a eterna quarta-feira de cinzas de um carnaval que encenamos nos 365 dias do ano, mascarando nossa própria identidade. Não é a encruzilhada apenas dos eixos do Plano Piloto, mas dos tantos caminhos deste país em busca de si próprio, porém surpreso a cada vez em que se olha no espelho e redescobre seu flagelo, sua fome, sua loucura. Uma realidade tantas vezes adocicada na salada de frutas de balagandans, mulatas e tchá-tchá-tchá para inglês ver que nos faz vítimas de uma amnésia crônica a nos distanciar dos fatos e da verdade.

Câmara na mão, fomos na rodoviária buscar os personagens dessa tragicômica história nossa de cada dia. Lá os encontramos desnudos e aos milhares, afogados no caos urbano, às vezes caricatos na sua simplicidade, mas ainda assim capazes de nos brindar com fragmentos dessa sabedoria popular que é a maior riqueza de uma nação. Eles foram nossos convidados e contaram sua história com a grandeza e a simplicidade que só sábios têm.